

JORNAL: ESTADO DE S. PAULO LOCAL: SÃO PAULO

DATA: 3 / 1 / 1964 AUTOR: FERREIRA GULLAR

TÍTULO: ARTE INFANTIL E ARTE DE ADULTO

ASSUNTO: ARTE INFANTIL - ANÁLISE

SEXTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1964

## tema em 1963

### Artes Plásticas

# Arte Infantil e Arte de Adulto

No MAM do Rio, encontra-se aberta a exposição de fim de ano dos alunos do curso infantil ministrado pelo pintor Ivan Serpa, naquele museu. São 73 trabalhos, representando todos os frequentadores do curso. Como sempre acontece nas exposições desse tipo, vamos lá para nos maravilhar e nos surpreender.

É uma experiência particular, essa que nos suscitam as exposições de arte infantil. É em primeiro lugar, uma arte anônima, permitindo um contacto direto com a obra exposta, sem as interferências inevitáveis nas exposições de adultos: ou pesa o prestígio do nome, ou a ausência do prestígio, e tantas outras coisas. Nesses casos, a visão crítica deve lutar contra essas interferências, consegue ou não vencê-las... Nas exposições infantis, o terreno está limpo. Mesmo porque não entramos ali para avaliar obras de arte, mas para nos maravilhar. E aprender.

Não que as crianças sejam sábias, mas porque pintando como pintam permitem-nos recolocar problemas que normalmente são postos de lado pelo automatismo da vida artística, pela preguiça de pensar, pela falta de oportunidade, etc. Uma exposição de arte infantil nos mostra, por exemplo, que as crianças são capazes de transfigurar as formas, harmonizar cores, estruturar o espaço de modo a nos emocionar e fascinar. Podemos considerar esses trabalhos obras-de-arte? Não o podemos porque seus autores são crianças, não são artistas?

Ora, os críticos mesmos afirmam que não devemos, diante da obra, perguntar pelo autor, mas julgá-la "objetivamente" isto é, como uma realidade completa que se dá a nós nas estritas dimensões da tela. Se assim devem agir os críticos, como negar aos trabalhos infantis qualidade de obra-de-arte porque seus autores são crianças?

E já aí aprendemos alguma coisa. É que, de fato, a crítica jamais poderá se restringir a esse tipo de objetividade mutilada. Terá sempre que envolver, em sua apreciação o autor, não para louvar ou negar a obra em função dele, mas para poder situá-la e compreendê-la.

Claro que um trabalho infantil não pode ser colocado no mesmo nível, não direi estético, mas cultural, que o trabalho de um adulto. E isso pela simples razão de que crianças e adultos habitam dimensões socio-culturais diferentes. Não é a mesma a relação que mantém com o mundo um adulto e uma criança, razão por que não é também a mesma a relação que um e outro estabelece com a atividade de pintar ou desenhar. Um artista adulto, ao se por diante de uma tela em branco, tem presente toda uma realidade cultural e social, que sempre influirá em seu trabalho, e em função da qual o realiza. Sua expressão, mesmo quando individualista, subjetiva, é um diálogo com o mundo cultural presente nele compreendido todos os fatos e problemas da vida contemporânea, da po-

lítica á estética, do coletivo ao pessoal. Não se pode dizer a mesma coisa de uma criança que pinta e que, mesmo expressando problemas, são problemas de outro nível, e ela o faz como se brincasse.

Mas há uma razão para, hoje, discutirmos se a pintura infantil é ou não obra-de-arte. E essa razão reside no fato mesmo de ter a arte moderna, desligando-se dos princípios acadêmicos, caminhado para a espontaneidade das formas intuitivas. A valorização dos elementos irracionais sobre os racionais na arte contemporânea conduziu ao abandono da figuração objetiva e a uma arte de expressão e de liberação. Tal caminho conduziu, naturalmente, o artista a voltar-se cada vez mais para dentro de si, buscando um suposto núcleo irredutível da personalidade que não se identifica com a sua personalidade cotidiana, civil, social. Esse artista deseja exprimir, em sua arte, experiência que idealmente, não se ligariam aos dados que o definem socialmente. Eis porque sua expressão se confunde também, com a das crianças, que ainda não adquiriram aquele estado social de que o artista contemporâneo quer se libertar. Mas a diferença permanece: a "ingenuidade" do artista é buscada, como renúncia ao mundo; a da criança é anterior a sua integração na vida social. Essa diferença é insuperável e determina a "má fé" do irracionalismo estético contemporâneo.

Tais considerações põem á mostra a contradição básica dessa arte que pretende confundir irracionalismo com liberdade, que pretende furtar-se á responsabilidade social mas, ao mesmo tempo, valer-se da responsabilidade "dos outros" para reconhecê-la como expressão cultural. Noutras palavras: Dubuffet, que arremeda a expressão infantil, não quer que sua arte seja posta no nível da arte de criança. Ele pretende que lhe reconheçamos uma "pureza" que só as crianças têm, mas que também atribuamos a essa "pureza, nele, Dubuffet, uma condição de genialidade...

FERREIRA GULLAR